

Apenas mais um modo de fazer Linguística Aplicada

Just another way of doing Applied Linguistics

Maria do Carmo Leite de Oliveira¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
mcleitedeoliveira@gmail.com

Resumo: Diante das transformações na história da Linguística Aplicada, existe ainda hoje um questionamento sobre o que pode ser incluído sob esse rótulo. O objetivo deste trabalho é o de revistar a questão do pertencimento, a partir dos entendimentos que orientaram a minha própria trajetória como pesquisadora. Nessa linha, trago para reflexão os sentidos possíveis de “aplicada” e os desafios trazidos com a abertura dos campos de pesquisa e das fronteiras disciplinares com as quais a Linguística Aplicada passou a dialogar. Ao final, assumo que a identidade da área é um projeto em aberto, mas com um propósito em comum.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; interdisciplinaridade; identidade.

Abstract: In the face of transformations in the history of Applied Linguistics there is still debate over what may or may not be included under this label. The aim of this paper is to revisit the membership issue, based on the beliefs that guided my own trajectory as a researcher. With this in mind, I reflect on the possible meanings of “applied” and the challenges that the expansion of research fields and disciplinary boundaries that are connected to Applied Linguistics have brought. I conclude by claiming that the identity of the area is an open project, but with a purpose in common.

Keywords: Applied Linguistics; interdisciplinarity; identity.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Bolsista de Produtividade em Pesquisa no CNPq.

Introdução²

Afinal, o que é fazer Linguística Aplicada?

Se fizéssemos essa pergunta, nos anos 70, a resposta seria uma. A Linguística Aplicada (doravante LA) era a aplicação dos princípios da Linguística a questões do mundo real, como ensino e aprendizagem. Já nos anos 80, iniciou-se um processo de transformação da área (Cavalcanti, 1986). Um mapa dessas transformações no cenário brasileiro foi traçado por Archanjo (2011), ao analisar publicações e temas do Congresso Brasileiro de LA (CBLA), no período entre a I e VIII edição. Se o III CBLA tinha ainda como foco as discussões sobre relações entre a Linguística e a LA, os eventos seguintes mostravam, a cada edição, uma orientação para a consolidação de uma agenda compromissada com a transformação. No IV CBLA e no VI CBLA, por exemplo, as temáticas propostas apontavam, respectivamente, para a expansão das fronteiras e para uma nova visão de linguagem: “Aspectos Transdisciplinares da Linguística Aplicada” e “A Linguagem como Prática Social”.

Apesar dessa abertura, nem todos os campos ou temas eram reconhecidos como centrais à área. A pesquisa no campo das organizações empresariais, por exemplo, era vista como marginal, fora da agenda, o que me levou a reivindicar uma LA mais inclusiva (Oliveira, 2009).

Dez anos se passaram, e o honroso convite para proferir a Aula Inaugural de 2018.2 do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Unisinos, me fez voltar à questão do pertencimento à área, mas agora em uma outra direção. O que proponho aqui é compartilhar um modo de fazer LA, revisitando questões que atravessaram – e ainda atravessam - as discussões sobre a identidade da área.

Nessa linha, começo apresentando os sentidos possíveis de uma perspectiva aplicada. Em seguida, coloco em foco as oportunidades e os riscos oferecidos com a abertura do campo e das fronteiras disciplinares, relatando o modo como lidei com os desafios. Ao final, retomo a discussão sobre a unidade da área.

Os sentidos de uma perspectiva aplicada

Somos o que fazemos ou fazemos o que somos. Cresci ouvindo as narrativas de imigrante de meu pai e vendo minha mãe colocar sua vida a serviço de quem precisasse. Atribuo a eles o fascínio pela linguagem e a orientação pragmática em relação à construção do conhecimento.

A perspectiva aplicada se manifestou logo na dissertação de mestrado. Eram os anos 70, e o gerativismo era a palavra de ordem. Na contramão dessa tendência, me interessei em pesquisar o papel da linguagem na construção do sentido de futebol como paixão nacional. Apesar do seu status, o futebol não era um tema de pesquisa, na área da linguagem, no cenário brasileiro. Mas, a partir de uma abordagem semântica, foi possível examinar como a linguagem do futebol utilizada na mídia refletia e constituía aspectos da cultura do futebol e da cultura brasileira. No mapa lexical, encontrávamos o machismo (futebol é coisa de homem; é guerra); a religiosidade de matriz africana ou de tradição cristã (os rituais; a sorte e o azar); o racismo (dentro e fora de campo); a desigualdade (o futebol como único meio de ascensão social de pobres e negros);

² Dedico este trabalho a Pedro Garcez e Ana Cristina Ostermann, inspirações e parceiros generosos ao longo da minha caminhada. Gratidão eterna

além do uso político do futebol na construção da autoestima nacional (Oliveira, 1973); (Oliveira, 1974). O vocabulário revelava uma concepção de um futebol-arte, tão diferente do atual futebol-técnica, construído pela linguagem pretensamente científica de alguns técnicos e jornalistas.

A motivação era aplicada, e o estudo criava inteligibilidade sobre o modo como a linguagem pode refletir e constituir uma visão de mundo. Mas, como defendeu Roberts (2003), precisamos de uma Linguística Aplicada “aplicada”, ou seja, comprometida com a aplicabilidade dos resultados. Claro que a posição de Roberts não é uma exigência para se fazer LA, mas, na minha trajetória, acabou sendo uma preocupação que emergiu com a tese de doutorado.

A pergunta de pesquisa nasceu de um problema identificado na minha prática como professora de redação empresarial. Observei, nesses cursos, que o principal problema dos textos não era, prioritariamente, o da correção gramatical ou da má organização das ideias. Ao contrastar minutas produzidas pelos técnicos com os textos finais reescritos pelas chefias, verifiquei que as alterações não eram relativas ao que foi dito, mas ao modo como foi dito.

Mais especificamente: o problema não estava na mensagem, mas na metamensagem (Watzlawick *et al.* 1993). Em outras palavras, a maneira de dizer escolhida pelo redator da minuta não correspondia ao modo como a chefia queria se autoapresentar para o seu interlocutor, nem ao modo como esse interlocutor como estava vendo a própria situação. Em Oliveira (1992), interessei-me em examinar, então, a dimensão relacional da comunicação em cartas de pedido de duas empresas públicas, o que me levou ao estudo da polidez na construção das relações interpessoais.

Apesar de a teoria da polidez de Brown e Levinson (1987) afirmar que, quanto maior o poder, menor o uso da polidez, os resultados, muitas vezes, revelavam o contrário. Em alguns contextos, aquele que tinha mais poder de posição ou de recurso evitava se apresentar com esse poder, chegando até a inverter a assimetria real. Dissimulavam-se críticas, cobranças.

Essa ginástica verbal colocava alguns em desvantagem. Assim como a dosagem na obediência à norma gramatical pode abrir ou fechar portas de acesso ao mercado de trabalho, a falta de domínio do uso estratégico da linguagem limitava a mobilidade dos profissionais na pirâmide hierárquica. Em função disso, desenvolvi o curso de “Comunicação Interpessoal”, com o objetivo de desnaturalizar o uso da linguagem e quebrar mitos sobre comunicação. Para frustração inicial de alguns executivos, o curso não oferecia nenhum “kit de Receitas para uma Comunicação de Sucesso”. O que era entregue era o desenvolvimento de uma maior percepção de contexto e dos efeitos interacionais de nossas escolhas linguísticas e discursivas. Se a pesquisa torna visível o que é invisível para o outro, o curso dava ao outro a possibilidade de se beneficiar do conhecimento desconhecido.

Sei que nem sempre encontramos uma oportunidade de entrega dos nossos achados. Sei também que fazer uma entrega exige um trabalho de tradução, de ajuste da linguagem a comunidades regidas por outras ordens de funcionamento. Apesar das dificuldades, são muitas as pesquisas em LA que resultaram em intervenções em diversos campos. Só para citar algumas das mais recentes, temos: na educação, a de Garcez e Schulz (2015); na saúde, as de Ostermann e Meneghel (2012) e Andrade (2016); nos serviços de teleatendimentos, as de Borges (2012); Del Corona (2011), além daquelas reunidas em Ostermann e Oliveira (2015); e na segurança pública, as de Dinucci e Oliveira (2016); Ron-Ren Jr. (2017); Oliveira e Ron-Ren Jr. (2017); Velasco (2018).

No caso dos estudos sobre a prática policial, produzidos pelo grupo de pesquisa Discurso, Interação e Prática Profissional – DIPP/CNPq, os resultados encontrados serviram de insumo para o desenvolvimento de um trabalho voluntário que vimos desenvolvendo desde 2015 na Unidade Prisional da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Atualmente, com o apoio da FAPERJ (2019), apresentamos um novo projeto “Ética e Moralidade na Prática Policial”, que inclui a realização de oficinas que levem os policiais a repensarem suas práticas antes de voltarem para as ruas.

Os desafios à qualidade da pesquisa

As condições da modernidade tardia, especialmente, a velocidade das mudanças e seus reflexos em todas as esferas da vida social (Giddens, 1990), fizeram emergir preocupações de ordem social, cultural e política. Com a renovação da agenda de pesquisa, novas áreas de aplicação foram surgindo e caminhos teórico-metodológicos foram buscados em outras disciplinas.

Nada que seja estranho a qualquer ciência. Como ressalta Lopes (2004, p. 2), “os objetos de estudo, por seu caráter histórico, dinâmico e mutável, colocam permanentemente em xeque a tradição das ciências, no sentido de sua revisão e renovação”. Na Economia, por exemplo, as explicações para as tomadas de decisão de consumo e investimento foram sustentadas pelo conceito de “*homo economicus*”, que tinha por base a racionalidade humana. No entanto, o trabalho pioneiro de Daniel Kahneman, Prêmio Nobel de Economia de 2002 e, mais recentemente, o de Richard Thaler, Prêmio Nobel de Ciências Econômicas de 2017, trouxeram evidências do peso da condição humana, das emoções, da irracionalidade, nas escolhas que fazemos. Um novo ramo da Economia, a Economia Comportamental, foi-se consolidando.

No caso da LA, a árvore vem crescendo para cima, para baixo e para fora, conectando-se a outras árvores do saber. Um ramo que se tem mostrado forte é o da Linguística Aplicada das Profissões, subárea em que situo minha pesquisa. O rótulo, cunhado por Sarangi (2006), teve como inspiração uma subárea da Sociologia: a Sociologia do Trabalho. Como peritos em linguagem, somos chamados a pensar o trabalho, a estudar práticas de diferentes profissões. Exemplos da fertilidade dessa subárea são registrados em periódico próprio (*Journal of Applied Linguistics and Professional Practice* – JALPP) e apresentados em seu evento anual cuja décima edição está prevista para 2020 (*10th International and Interdisciplinary Conference on Applied Linguistics and Professional Practice* (ALAPP)).

Além de especialidades novas, a LA cresceu também para dentro do chamado coração da LA – a que tem como foco a educação. Obras, como as organizadas por Cavalcanti e Bortoni-Ricardo (2008) e Moita-Lopes (2013), mostram como se multiplicaram as questões de pesquisa. E cresceu para fora, estabelecendo conexões com outras árvores do saber. A rede de conexões foi tão ampliada que Moita-Lopes (2006) batizou a LA como “indisciplinada”.

Oportunidades foram abertas, mas ficamos também mais sujeitos aos riscos. Saímos da nossa zona de conforto, ao entrar em terras estranhas. Passamos a conversar com áreas nas quais não tivemos formação.

O desafio da entrada em terras estrangeiras

Quando começamos a pesquisar fora da nossa terra natal – o cenário escolar – já chegamos em desvantagem. Na Escola, vivemos como alunos, professores e pesquisadores. São décadas de socialização. Ainda que os tópicos sejam novos, os sujeitos de pesquisa também, temos um grande conhecimento desse universo. Já quando entramos no campo da saúde, do direito, da empresa, da segurança pública, nosso conhecimento, nossas referências sobre esses universos são mais limitadas. Evidentemente, não precisamos nos tornar médicos para estudar a interação médico-paciente, mas precisamos nos socializar naquele universo, tornando-o mais familiar.

Para assegurarmos a qualidade da pesquisa, é indispensável algum grau de socialização no universo ‘estrangeiro’ e humildade para reconhecer que quem mais entende daquele mundo é o outro. Sem juntar saberes, somos intérpretes limitados daquela realidade.

Como já advertiam Garfinkel e Wieder (1992), o analista precisa ser minimamente competente na produção local do fenômeno estudado a fim de que possa reconhecê-lo, identificá-lo, seguir seu desenvolvimento ou descrevê-lo, o que só pode ocorrer se o analista for um membro competente daquela comunidade que estuda ou se tiver o apoio de outros membros competentes.

Os meios de nos socializarmos num dado universo podem variar bastante. Não é necessária uma imersão total do analista no campo. Visitas ao campo, contatos formais ou informais com membros daquela comunidade, tudo pode nos ajudar a tornar aquele mundo menos estranho. No meu caso, a socialização no campo dos negócios veio de minha prática, desde 1976, como professora de cursos de Comunicação, em MBAs oferecidos pelo IAG, a Escola de Negócios da PUC-Rio. A interação com executivos me permitiu aprender o que é a vida na empresa. Além da aquisição desse conhecimento, procurei desenvolver pesquisas de base colaborativa, apoiadas pelo CNPq, sobre linguagem e trabalho. Foi agregando o saber de analista aos saberes dos praticantes, que percebi meus pontos cegos, meus limites como intérprete da prática do outro.

Sem socialização e pesquisa colaborativa, teria mais dificuldade de trazer evidências que vieram a contestar a tendência das organizações de achar que a tecnologia é solução para tudo ou o problema. A Intel, por exemplo, chegou a limitar o uso do e-mail em alguns dias a algumas horas. No entanto, como foi demonstrado na pesquisa de Oliveira (2011), a ferramenta não era a vilã. O modo como as pessoas usavam as *affordances* do e-mail apenas refletiam e constituíam características do ambiente *off-line*.

O desafio da apropriação de saberes

Ao estabelecermos conexões com diferentes áreas do saber, estamos mais sujeitos a incorrer em erros conceituais e metodológicos. É o que Barbosa (1999) já apontava com relação ao uso do conceito de cultura e do método etnográfico por pesquisadores de outra área. Longe de estar fazendo uma defesa de território, a antropóloga está apenas alertando para a nossa desvantagem, isto é, para o fato de não termos conhecimento aprofundado das discussões que envolvem o que foi importado.

Oportunidade de observações semelhantes também não nos escapam quando vemos pesquisadores de outras áreas usando contribuições da área da linguagem. A obra, organizada por Grant *et al.* (2004), reúne pesquisas que ilustram a virada discursiva nos estudos da gestão. No entanto, ali também é possível encontrar algumas apropriações questionáveis de métodos e teorias da linguagem para descrever e explicar o que constitui a organização.

Para lidar com esse tipo de risco, um caminho que considerei frutífero foi o de estabelecer parcerias com colegas de outras áreas do saber, especialmente quando a questão era de natureza interdisciplinar. Durante um curso sobre Comunicação Interpessoal para uma organização da área de energia elétrica, os participantes questionaram os resultados obtidos por meio de uma ferramenta muito usada pelas organizações para avaliar o clima organizacional: o *Great Place to Work* (www.greatplacetowork.com). Para os profissionais, o resultado positivo encontrado para o quesito “confiança” não correspondia à realidade.

Logo me interessei em estudar a confiança no ambiente de trabalho. Trata-se de uma questão de múltiplas dimensões, como a psíquica, linguística e sociológica. Optei, então, por construir parceria com colegas da psicologia e da psicanálise para entender o que a ferramenta não captava. Somamos o referencial dos estudos da interação ao da teoria proposta pelo pediatra e psicanalista Winnicott (1983). Para o autor, o espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre o indivíduo e a sociedade, depende da experiência que conduz à confiança. Nessa linha, o autor destaca a importância do acolhimento (*holding*) e da previsibilidade na primeira infância.

Nosso estudo sobre confiança, no ambiente organizacional (Oliveira *et al.*, 2013), revelou que o espaço entre o funcionário e a organização também depende dos mesmos fatores que conduzem à confiança na infância. Se o profissional não se sente acolhido, isto é, não recebe sinais de reconhecimento e de interesse, ele não se entrega, não coopera, não se compromete. Se os discursos circulantes não são estáveis ou se estão em contradição com a prática, o clima de desconfiança é geral: não se confia na Direção, na chefia nem nos colegas. Sem confiança, inviabiliza-se o empreendimento conjunto em que todos deveriam estar engajados.

Outro exemplo de pesquisa envolvendo um tópico de natureza interdisciplinar foi o da comunicação interna de uma empresa. A escolha natural foi a da parceria com um pesquisador da gestão. Conforme descrito em Oliveira e Silva (2009), as teorias da Administração têm se deparado, desde o início do século XX, com a necessidade de construir uma linguagem própria que lhes permita lidar com a complexidade dos fenômenos organizacionais e de gestão, apoiando-se em uma grande diversidade de conhecimentos oriundos de outras áreas.

Na tentativa de analisar os fenômenos das organizações, a ótica tradicional da gestão, de natureza predominantemente funcionalista, tem privilegiado a crença no poder da estrutura, em detrimento da compreensão sobre o papel da agência humana na construção da realidade organizacional (Chanlat, 1996). Some-se a isso o predomínio na gestão de estudos da comunicação numa perspectiva funcionalista e instrumental (Giordano, 1998; Zarifian, 2001) e a partir de diferentes visões paradigmáticas oriundas das Ciências Sociais (Silva e Oliveira, 2009). Com a parceria, conseguimos integrar conhecimentos e experiências, referentes aos campos da gestão e da linguagem, introduzindo uma visão de comunicação como coconstrução, substituindo o modelo de transmissão que ainda se faz presente em manuais adotados em cursos de graduação e pós-graduação lato-sensu na Administração.

Um aspecto importante dessa experiência foi a de fazer com que a abordagem interdisciplinar atuasse em todas as etapas do processo. A tomada de decisões foi sempre conjunta: desde os tipos de dados, definição de perguntas de pesquisa, métodos e negociação no uso de termos que tinham significados diferentes para cada área. Em termos de “entrega”, a pesquisa resultou numa proposta de um quadro de referência para a gestão da comunicação organizacional, com a identificação dos aspectos que podem afetar, positiva ou negativamente, a construção de uma cultura de participação e integração (Oliveira e Silva, 2009). Em termos aplicados, além da entrega de um diagnóstico da comunicação interna e de sugestões de ações de curto, médio e longo prazo, foram promovidas oficinas para uma maior capacitação interacional dos gestores.

A parceria interdisciplinar não só nos dá mais segurança para cruzar fronteiras, como também nos habilita a publicar em periódicos da outra área. Assim, explico o aceite das publicações de artigos em LA em periódicos da psicologia, da gestão e da área de finanças (Oliveira e Pereira, 2018). A parceria com uma colega economista permitiu que entendêssemos melhor os encontros de relações com investidores. Nosso estudo da fala de analistas de investimento, na seção de perguntas e respostas de *earnings conference calls*, *revelou* um aspecto que nunca havia sido tratado em pesquisas sobre perguntas de analistas: o papel da (re) formulação nas perguntas para evitar saias justas para os presidentes das empresas.

A identidade da área

As consequências do processo de transformação da LA têm sido vistas criticamente em termos da constituição da identidade da área, especificamente no que se refere à sua soberania e à sua unidade.

A soberania da LA

Cook (2015) reconhece a importância da interdisciplinaridade para ir além dos limites de uma área. Mas, de acordo com o autor, observa-se no caso do encontro da LA com novas metodologias e abordagens, a tendência a colonizar-se rapidamente em vez de ser colonizada por ela.

O alerta de Cook (2015) vai talvez na direção do de Locker (1994). Para este autor, a interdisciplinaridade permite que se façam contribuições realmente originais e úteis ao conhecimento científico. Mas, acrescenta o autor, entre os benefícios da interdisciplinaridade, está a possibilidade de levar a crítica não só ao campo com que temos familiaridade, mas também aos campos correlatos com os quais se trabalha na pesquisa. Em outras palavras, a troca interdisciplinar deve ser uma via de mão dupla: importamos e exportamos teorias, métodos, achados que possam também contribuir para a outra área.

O desequilíbrio da troca talvez esteja mais relacionado à falta de visibilidade da nossa área. Um caminho que considerei frutífero foi o de incluir em bancas de tese envolvendo questões interdisciplinares pesquisadores de outras áreas. Foi o caso da tese de doutorado de Velasco (2018) sobre a prática da contravigilância, exercida por cidadãos de comunidade carioca que postam no Youtube vídeos que registram uma ação policial. Esse tipo de contravigilância era uma lacuna na literatura das Ciências Sociais, que privilegia a prática das câmeras de controle social, exercido pelo Estado. Mas o que foi

destacado pela especialista em segurança pública, presente na banca, foi o modo como uma análise da fala-em-interação traz evidências que podem contribuir para o desenvolvimento de uma Sociologia do celular. Vejo nessa experiência que é possível realizar um estudo interdisciplinar sem trabalhar para fora, como dizem alguns colegas. A soma de saberes amplia a visão do objeto, podendo trazer ganhos para todas as partes.

Quanto mais nos tornarmos visíveis para outra área, mais podemos fazer da interdisciplinaridade uma via de mão dupla. Mais receberemos convites para participar de bancas ou escrever artigos com colegas de outra área. Mais teremos artigos aceitos em periódicos da outra área. Mais a troca será igualitária, para benefício de todos.

A unidade da área

O segundo ponto crítico levantado por Cook (2015), diante das transformações da LA, diz respeito não à diversidade, mas à divergência que compromete a unidade de uma disciplina. Para o autor, fazer LA é compartilhar epistemologias, crenças fundamentais sobre a natureza da linguagem.

Como evidência dessa divergência, o autor identifica, de modo intencionalmente caricatural, três modelos de pesquisadores, a partir de algumas diferenças. Quanto à visão de linguagem, os do tipo A (Cook, 2015, p. 428) veem a linguagem como um sistema cognitivo interno modular de gramática, léxico e fonologia nativa. Já os do tipo B veem a linguagem mais como padrões confirmados em vastos corpora analisados com o apoio de computadores. Para os do tipo C, aos quais me alinho, a linguagem é um empreendimento muito mais interpretativo, e as verdades descobertas são provisórias e locais mais do que globais.

Quanto ao tipo de abordagem, o autor salienta que os do Tipo A e B compartilham uma metodologia fundamentalmente científica. A diferença é que os do tipo A recorrem à observação, experimentação e replicação, sem muita referência ao contexto social ou político, ou à própria dinamicidade da língua e de outros modos de comunicação. Os do tipo B usam uma metodologia quantitativa e amplamente científica, recorrendo à análise estatística e a fatos empíricos mensuráveis como base para suas conclusões. Em contraste maior estão os do tipo C, isto é, aqueles que examinam encontros de pequena escala, intuindo sistemas temporários locais, significados e culturas. E conclui que dadas as diferenças de modos de fazer LA, seríamos mais uma coleção de estados independentes, do que uma federação.

Se, por um lado, a divergência apontada compromete o sentido clássico de disciplina, por outro lado a divergência não compromete o propósito que une quem faz LA. Na minha história de pesquisa, há estudos em Linguística, Pragmática, Análise do Discurso, Sociolinguística Interacional e Análise da Conversa. Independentemente da abordagem, a orientação foi sempre aplicada.

Do mesmo modo, a diversidade de focos de interesse nos distingue, mas não ameaça os objetivos da área. Apropriando-me de uma metáfora de Garfinkel, presente em Maynard (2012), reconheço que alguns de nós olham para o Monte Everest, já outros, dentre os quais me incluo, contemplam todo o terreno que constitui a circunferência do planeta. No entanto, tanto os que se interessam por montanhas como gênero, poder, etc quanto os que se interessam pelas práticas cotidianas que representam a

maior parte da nossa vida em sociedade, todos estamos falando de significado, criando inteligibilidade sobre o que fazemos com a linguagem e buscando contribuir para a transformação dos indivíduos e da sociedade. O que nos une é este propósito: aplicar e gerar conhecimento que tenha relevância prática.

Considerações Finais

Um dos métodos utilizados por professores em cursos de empreendedorismo é o de levar empreendedores para contar sua história. Cada história contada serve aos alunos como inspiração para um negócio e, principalmente, como uma lição de como lidar com oportunidades e riscos.

Neste trabalho, não escondo a pretensão de despertar, em futuros candidatos de Pós-Graduação, o desejo de ser um linguista aplicado. Mas o propósito deste trabalho foi o de mostrar apenas mais um modo de fazer LA. Contar a minha trajetória não teve nenhuma intenção de reivindicar verdades, ou defender um único modo de fazer LA. Ao contrário. Vejo a identidade da LA como um projeto em aberto (Giddens, 1990). Aberto para novas transformações, para diferentes abordagens teórico-metodológicas, para diferentes questões de interesse e para diferentes campos de estudo.

As oportunidades de trabalho são muitas. As possibilidades de interfaces também. A Inteligência Artificial está aí batendo à porta com projetos como a reprodução na máquina de um aprendizado humano, a criação de dispositivos que promoverão a simbiose homem-máquina, ou a de robôs sociais que irão interagir com idosos, e tantos outros projetos que estão mais perto de acontecer do que imaginamos. Todos nós, como especialistas em linguagem e contexto, poderemos identificar aspectos que os algoritmos não captam e contribuir para uma visão crítica seja desse discurso, seja do impacto social dessas inovações. Se o futuro ainda é um sonho, o presente é uma realidade cheia de oportunidades para pesquisa em LA. Só temos que fazer escolhas.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, D.N.P. 2016. *Recomendações e prescrições para cuidados de saúde no pós-alta: a investigação de um programa educativo a cardiopatas numa perspectiva interacional*. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 253 p.

ARCHANJO, R. 2011. Linguística aplicada: uma identidade construída nos CBLA. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 11(3):609-632. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982011000300002>

BARBOSA, L. 1999. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 216 p.

BORGES, M.L. 2012. *Produção de sentido em processos decisórios: um estudo no contexto de eventos inesperados na perspectiva da análise da conversa*. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 226 p.

BROWN, P.; LEVINSON, S.C. 1987. *Politeness some universal in language usage*. Cambridge, Cambridge University, 358 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>

CAVALCANTI, M. 1986. A propósito de linguística aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 7(2):5-12.

CAVALCANTI, M.; BORTONI-RICARDO, S. (Orgs.). 2008. *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, Mercado de Letras, 252 p.

CHANLAT, J-F. 1996. Por uma antropologia da condição humana nas organizações. In: J-F. CHANLAT (Org.), *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas* v.1. São Paulo, Atlas, 208 p.

COOK, G. 2015. Birds out of dinosaurs: the death and life of applied linguistics. *Applied Linguistics*, 36(4):425-433. <https://doi.org/10.1093/applin/amv038>

DEL CORONA, M.O. 2011. *O universo do 190 pela perspectiva da fala-em-interação*. São Leopoldo, RS. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 245 p.

DINUCCI, A.; OLIVEIRA, M.C.L. 2016. Sorria: você está sendo filmado. A espetacularização da prática policial e o trabalho de limpeza moral. *Gragoatá*, 40:380-398.

GARCEZ, P.M.; SCHULZ, L. 2015. Olhares circunstanciados: etnografia da Linguagem e pesquisa em linguística aplicada no Brasil. *D.E.L.T.A*, 31:1-34. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445093806057590158>

GARFINKEL, H.; WIEDER, D.L. 1992. In: G. WATSON; R.M. SEILER (eds.), *Text in context: contributions to ethnomethodology*. Califórnia, Sage, p. 175-206.

GIDDENS, A. 1990. *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora da UNESP, 180 p.

GIORDANO, Y. 1998. Communication et organisations: une reconsidération par la théorie de la structuration. *Revue de Gestion des Ressources Humaines*, (26-27):20-35.

GRANT, D.; HARDY, C.; OSWICK, C.; PUTNAM, L.L. (eds.). 2004. *The sage handbook of organizational discourse*. Londres, SAGE, 448 p.

LOCKER, K.O. 1994. The challenge of interdisciplinary research. *The Journal of Business Communication*, 31(2):137-151. <https://doi.org/10.1177/002194369403100204>

LOPES, M.I.V. 2004. As fronteiras entre as ciências sociais vistas da comunicação: uma aproximação aos estudos sociais das ciências. *E-Compós*, 1:1-19. <https://doi.org/10.30962/ec.10>

MAYNARD, D.W. 2012. An intellectual remembrance of Harold Garfinkel: imagining the unimaginable, and the concept of the “Surveyable Society”. *Humans Studies*, 35(2):209-221. <https://doi.org/10.1007/s10746-012-9226-0>

MOITA-LOPES, L.P. (org.). 2006. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo, Parábola Editorial, 280 p.

MOITA-LOPES, L.P. (org.). 2013. *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo, Cultura Inglesa e Parábola, 288 p.

- OLIVEIRA, M.C.L. 1974. *Futebol: fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro, Ed. Documentário, 143 p.
- OLIVEIRA, M.C.L. 1992. *Polidez, uma estratégia de dissimulação: análise de cartas de pedido em empresas públicas*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, ? p.
- OLIVEIRA, M.C.L. 2009. Por uma linguística aplicada mais inclusiva. *Calidoscópico*, 7(2):93-96. doi:10.4013/cld.2009.72.01
- OLIVEIRA, M.C.L. 2011. E-mail messaging in the corporate sector: tensions between technological affordances and rapport management. In: C. CANDLIN; S. SARANGI (eds.), *Handbook of communication in organizations and professions*. Berlim, De Gruyter Mouton, 626 p. https://doi.org/10.1007/978-1-137-29556-9_18
- OLIVEIRA, M.C.L. *A língua em jogo: futebol x imprensa*. 1973. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, ? p.
- OLIVEIRA, M.C.L.; PEREIRA, S.M.R.P. 2018. Formulations in delicate action: a study of analyst questions in earning conference calls. *International Journal of Business Communication*, 55(3):1-17. <https://doi.org/10.1177/2329488417712012>
- OLIVEIRA, M.C.L.; RON-RÉN JR., R.C. 2017. Agência e discricionariedade na prática policial. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 17(4):759-775. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201711398>
- OLIVEIRA, M.C.L.; Silva, J.R.G. 2009. The composition of a participative view for the management of organizational communications. In: A. LORENZO; F. RAMALLO; X. RODRIGUEZ-YÁÑEZ (eds.), *New approaches to discourse and business communication*. Londres, Palgrave-Macmillan, p. 190-212.
- OLIVEIRA, M.C.L.; VILHENA, J.; NOVAES, J.V. 2013. The lack of trust in organizational context: a study of accounts in consultative interviews. In: C. CANDLIN; A. CRICHTON (eds.), *Discourses of trust*. Londres, Palgrave Macmillan, p. 285-299. https://doi.org/10.1007/978-1-137-29556-9_18
- OSTERMAN, A.C.; OLIVEIRA, M.C.L. (orgs). 2015. *Você está entendendo?: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a prática do teleatendimento*. Campinas, Mercado de Letras, 116 p.
- OSTERMANN, A.C.; MENEGHEL, S. (org.). 2012. *Humanização, gênero, poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Rio de Janeiro; Campinas, Fiocruz; Mercado de Letras, 168 p.
- ROBERTS, C. 2003. Applied linguistics applied. In: S. SARANGI; T. VAN LEEUWEN (eds.), *Applied linguistics and communities of practice*. Londres, Continuum, p. 132-149.
- RON-RÉN JR., R.C. 2017. “Não me sinto um perfil padrão de policial, graças a Deus”: o fazer e o ser policial em contextos de pacificação. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, 113 p.

SARANGI, S. 2006. The conditions and consequences of professional discourse studies. *In*: R. KIELY; P. REA-DICKINS; H. WOODFIELD; G. CLIBBON (eds.), *Language, culture and identity in applied linguistics*. Londres, Equinox, p. 199-220.

SILVA, J.R.G.; OLIVEIRA, M.C. L. 2009. Comunicação organizacional: oportunidades para uma abordagem de pesquisa interdisciplinar entre a Administração e a área de Estudos da Linguagem. *Organizações & Sociedade*, **16**(49):207-223. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302009000200001>

VELASCO, A.D.A.B. 2018. *Flagrante da prática policial: o celular como arma de contra vigilância*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, 159 p.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J.H; JACKSON, D.D. 1993. *Pragmática da comunicação humana*, São Paulo, Cultrix, 268 p.

WINNICOTT, D.W. 1983. A capacidade para estar só. *In*: D.W. WINNICOTT (ed.), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artes Médicas, p. 31-37.

ZARIFIAN, P. 2001. Comunicação e subjetividade nas organizações. *In*: E. DAVEL; S.C. VERGARA (orgs.), *Gestão com pessoas e subjetividade*. São Paulo, Atlas, 320 p.

Recebido: 02/09/2019

Aceito: 07/11/2019